

**O REVERSO DA MOEDA:  
OLHARES SOBRE A VIDA ROMANA ATRAVÉS  
DOS DENÁRIOS DOS MINÚCIOS AUGURINOS\***

Gisele Oliveira Ayres Barbosa\*\*

***Resumo:** O presente artigo tem como proposta estabelecer olhares sobre a vida pública romana na segunda metade do século II AEC, a partir da análise das imagens dos reversos dos denários cunhados por Caio e Tibério Minúcio Augurino (Roma, 135 e 134 AEC), com especial ênfase no poder da aristocracia, seus atributos e suas representações. Trabalha com a hipótese de que os pressupostos de Wallace-Hadrill acerca dos elementos constitutivos da autoridade da aristocracia romana podem ser igualmente percebidos através da iconografia numismática, e adota a concepção de Enrico Montanari sobre o caráter religioso do sistema de representação dos romanos.*

***Palavras-chave:** República romana; aristocracia; denários; Minúcios Augurinos; iconografia numismática.*

**THE COIN REVERSE: LOOKS AT ROMAN LIFE THROUGH THE  
MINUCII AUGURINI DENARII**

***Abstract:** This article aims to establish looks at the Roman public life in the second half of the II century BCE through the analysis of the images of the denarii's reverses issued by Caius and Tiberius Minucius Augurinus (Rome, 135 and 134 BCE), highlighting the aristocracy's power; their attributes and their representations. It works with the hypothesis that Wallace-Hadrill's assumption about the constitutive elements of the Roman aristocracy's authority may be equally perceived through the numismatic iconography. It also adopts Enrico Montari's concept about the religious characteristic of the romans' representation system.*

***Keywords:** Roman republic; aristocracy; denarii; Minucii Augurini; numismatic iconography.*

---

\* Recebido em: 06/10/2019 e aprovado em 11/12/2019.

\*\* Doutora em História pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (Unirio).  
E-mail: gisele.ayres@uol.com.br. ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-7354-3589>.

## 1. Introdução

Os denários cunhados por Tibério e Caio Minúcio Augurino nos anos de 135 e 134 AEC (**Figura 1** e **Figura 2**) estão seguramente entre as moedas mais estudadas dentro da iconografia numismática republicana romana. As peças encontram-se registradas no catálogo *Roman Republican Coinage* (RRC), de Michael Crawford, sob os números 242/1 e 243/1, e no *Roman Coins and their Values* (RCV), volume I, de David Sear, sob os números 119 e 120, respectivamente. No Brasil, há um exemplar do denário de Tibério Augurino na Coleção de Moedas Romanas da Universidade de São Paulo, identificado sob o nº 18 no catálogo publicado em 2015 por aquela instituição (CMR-USP). O Museu Histórico Nacional do Rio de Janeiro possui, entre as moedas republicanas romanas de sua Coleção de Numismática, publicadas através do *Sylloge Nummorum Romanorum Brasil I*, um exemplar da peça de 135 (SNR I 282) e dois exemplares da peça de 134 (SNR I 284 e 285).

**Fig. 1**



Yale University Art Gallery 2001.87.664, Domínio Público

**Fig. 2**



Yale University Art Gallery 2001.87.665, Domínio Público

Os diversos estudos realizados em geral chamam a atenção para as representações reiteradas de dois cidadãos, ao redor de uma coluna encimada por uma terceira figura, presentes nos reversos das moedas. Duas representações, tão semelhantes entre si e ao mesmo tempo tão distintas de suas contemporâneas, elaboradas em anos sucessivos, por dois monetários de uma mesma *gens*, fogem ao padrão numismático romano do período. As interpretações, além de não serem consensuais, apontam variadas possibilidades de leitura das imagens, considerando ou não o contexto de produção das peças. Ao contrário do reverso, o tipo do anverso com a efigie da deusa Roma, a divindade que simboliza a cidade-Estado republicana, era bastante comum na época.

Este artigo tem como proposta estabelecer olhares sobre a vida pública romana na segunda metade do século II, a partir da análise das imagens dos reversos dos denários cunhados em Roma nos anos de 135 e 134 por Caio e Tibério Minúcio Augurino, com especial ênfase no poder da aristocracia, seus atributos e suas representações. Insere-se na concepção de que, quando tratamos de Roma republicana, é impossível separar o que chamamos de “religião” do que chamamos de “política”. Trabalha com a hipótese de que os pressupostos de Wallace-Hadrill acerca dos elementos constitutivos da autoridade da aristocracia romana podem ser igualmente percebidos através da iconografia numismática, e adota a teoria de Enrico Montanari sobre o caráter religioso do sistema de representação dos romanos. Está dividido em três partes, além desta Introdução. A seção seguinte apresenta um breve quadro das análises realizadas acerca da iconografia do reverso dos denários de Caio e Tibério Minúcio Augurino. A terceira parte trata do referencial teórico propriamente dito e sua aplicação às imagens das moedas analisadas. Algumas breves considerações encerram o artigo.

## 2. Antepassados e *signa* religiosos

Uma das principais vertentes interpretativas da iconografia dos denários põe em destaque o aspecto da religiosidade, possivelmente influência do cognome Augurino dos monetários e do *lituus* que a figura da direita carrega nas mãos, um dos objetos representados de mais fácil identificação. O *lituus* era o bastão de extremidade curva utilizado pelos sacerdotes áugures especialmente em suas ações rituais. Uma tradição corrente à época da emissão das moedas atribuía a um antepassado da *gens* dos monetários, Minúcio Faeso, o fato de ter sido um dos primeiros plebeus a ingressar nesse colégio sacerdotal, um dos mais importantes e tradicionais de Roma (RRC 242; RRC 243; WISEMAN, 1996, p. 61-62; WILLIAMS, 2007, p. 146).

Com exceção do ancestral áugure, não há um consenso sobre a identidade dos demais representados, a maioria identificada como homens públicos ligados a *gens*. A interpretação mais usual associa os objetos que o homem da esquerda carrega a pedaços de pão. Seu pé repousa sobre outro objeto identificado como um *modius*, o recipiente romano para os grãos. Há, ainda, ramos de trigo na base da coluna, símbolos que, na iconografia numismática republicana, são geralmente relacionados à distribuição de grãos. A partir desses símbolos (o bastão sacerdotal, os pedaços de pão, os ramos de trigo) e da posição na qual se encontravam as figuras, Jonathan Williams (2007, p. 146) destacou a exaltação gentilícia elaborada na moeda de Caio Minúcio, baseada em uma sugestiva religiosidade familiar. Uma vez acatada, essa interpretação pode ser facilmente estendida à moeda de Tibério Augurino, cunhada no ano seguinte. Ainda que, sob o nosso olhar contemporâneo, a oferta de trigo a baixo preço não encontre significado imediato em um espaço de religiosidade, o conjunto faz completo sentido para os romanos. A fartura não podia ser alcançada sem a devida observância da piedade e a aquiescência do divino, ainda que ações efetivas como as empreendidas por alguns antepassados dos Minúcios Augurinos também fossem importantes. Dentre esses ancestrais, possuímos referências a respeito de P. Minúcio e M. Minúcio, cônsules em 492 e 491 respectivamente, e Lúcio Minúcio, prefeito da anona em 440 ou 439 (BROUGHTON, 1951, p. 16-17).

Recentemente, Liv Yarrow (2017, p. 93-97), sugerindo uma leitura das imagens “por si mesmas” e valendo-se de uma análise cuidadosa de detalhes das representações, defendeu que a figura da esquerda, assim como todas as outras da cena, seria uma estátua e o que ela carrega, uma faca e uma *patera*, o prato romano para o sacrifício. Os dois ancestrais ao redor da coluna fariam, assim, referência a sacerdócios exercidos pela *gens* Minúcia. O artigo de Yarrow é inovador sob muitos aspectos, mas ainda nos mantém no campo da presença da religião no discurso numismático republicano. De fato, algumas representações numismáticas são de difícil leitura e altamente interpretáveis. Embora não tenha sido o caso do trabalho de Yarrow, é inegável, nesse processo de trabalho com imagens, o potencial de aplicação das novas tecnologias hoje disponíveis que permitem, entre outras coisas, uma observação mais atenta das superfícies das peças monetárias, pois, “se lida com artefatos muito pequenos, com superfície quase plana, feitos com materiais com grande especularidade e, muitas vezes, com pátinas de diferentes qualidades ou relevos finos ou desgastados” (TACLA, 2018, p. 193).

A distribuição de grãos, que abrange a questão da religiosidade, também serve de conexão para reflexões a respeito de aspectos materiais ligados à cidade de Roma. Em especial a iconografia da moeda de Caio Minúcio foi uma das referências de Claude Nicolet (1976, p. 47) para tratar do templo das Ninfas e da distribuição de trigo em Roma. Como testemunhos da vida romana da época em que foram produzidas, as moedas ajudam a revelar uma República complexa e em contínua transformação no decorrer do século II. A influência das demandas econômicas e sociais na escolha das imagens, a importância das referências ancestrais como critério de validação da posição de um indivíduo na sociedade, além da já conhecida impossibilidade de separar o que definimos como “política” do que definimos como “religião” nos espaços de poder, são alguns desses aspectos mais significativos (AYRES, 2017, p. 130-138).

Essas moedas revelaram-se ainda capazes de problematizar questões consolidadas por estudos efetuados através de outro tipo de documentação. Assim, T. P. Wiseman (1998, p. 97-99) relacionou as referências numismáticas representadas pelas moedas dos Minúcios Augurinos a outras, textuais e epigráficas, para defender sua hipótese de que narrativas tais como a que atribuíam a um membro da *gens* Minúcia o papel de um dos primeiros plebeus áugures eram muito mais construções geradas a partir das demandas existentes no momento de sua elaboração do que reflexos de acontecimentos de um passado remoto.

Não menos importante é o debate sobre a real existência ou não da Coluna Minúcia, representada nas peças. A matéria se insere parcialmente no estudo das representações arquitetônicas através da iconografia romana, da qual as moedas de 135 e 134 estão entre as precursoras. Em especial Jane Evans (2011, p. 4) defendeu que a aparência arcaica da coluna, com suas adições pouco usuais, tais como os sinos pendentes ao alto, o trigo e os protótipos de animais na base do monumento de Caio Minúcio, leva a crer que o monumento não existia de fato. Yarrow (2017, p. 86-90) destacou diferenças entre o formato das colunas representadas nos dois denários. O eixo do monumento na peça de Tibério parece ser formado pela superposição de partes cônicas com bordas arredondadas, e o de Caio contém ainda uma estrutura à qual as partes aparentam estar ligadas. Antes disso, considerando a possível localização do monumento, Tonio Hölscher ponderou que o que as moedas mostram é possivelmente um monumento funerário (HÖLSCHER, 1978, p. 315-357 apud WISEMAN, 1998, p. 59). Outra possibilidade levantada foi a de um local de culto de uma divindade associada à *gens* Minúcia ou da expressão de um culto gentílico, no qual

estaria colocado o boi dourado citado por Tito Lívio (GAGÉ, 1966, p. 111-122; WISEMAN, 1996, p. 91-93; TORELLI, 1995, p. 306).

### 3. Imagens em moedas e aristocracia

A breve exposição acima aponta para a riqueza e a complexidade das imagens presentes nos dois reversos. Nos termos propostos por Christine Perez (1985, p. 115) para uma leitura semiológica da iconografia numismática, os reversos dos denários dos Minúcius Augurinos ostentam imagens “ricas”, nas quais há uma “verdadeira explosão de significados”. A essas se opõem as imagens “pobres”, nas quais os símbolos são pouco numerosos ou pouco variados, constituindo-se às vezes de um símbolo único. Os estudos de Perez concentram-se nas imagens monetárias do século I, e a autora associa a incidência de imagens “ricas” em moedas a períodos de incerteza política, nos quais os pretendentes ao poder procuram todos os artifícios possíveis para justificar suas pretensões de gerir a coisa pública. Não cabe, nos limites deste artigo, uma discussão sobre o conceito de “crise” da República romana, e, efetivamente, o momento da emissão dos denários dos Minúcius Augurinos não pode ser caracterizado como um período de conflito ou mesmo de insegurança. Contudo, é um período de acirramento das disputas internas entre a aristocracia, o que talvez ajude a compreender o grande número de recursos iconográficos utilizados pelos monetários nas peças. Conhecemos os idealizadores das moedas apenas através dos seus nomes inscritos nas peças. Caio Minúcio Augurino (legenda C AVG ao alto, no reverso da moeda de 135, **Figura 1**) e Tibério Minúcio Augurino (legenda TI MINVCI CF à esquerda, de baixo para cima, AVGVIRINI, à direita de cima para baixo, no reverso da moeda de 134, **Figura 2**) provavelmente exerceram, em anos sucessivos, o cargo de triúviro monetário, magistrado romano encarregado de cunhar o ouro, a prata e o bronze em nome da República (CÍCERO. *Leg.* 3. 6). Essa magistratura era, em geral, ocupada por jovens aristocratas em início de carreira e é provável que os dois fossem irmãos, filhos de outro Caio (C.F., isto é, *Caius filii*, na moeda de 134).

Optamos por utilizar o termo aristocracia para nos referirmos ao grupo dominante em Roma no momento em que foram cunhadas as moedas, seguindo a tendência das obras que abordam a distribuição do poder na cidade no período (ROSENSTEIN, 2006; FLOWER, 1996, 2009; HÖLKESKAMP, 2006, 2010, 2014; WALLACE-HADRILL, 2009). Andrew Wallace-Hadrill (2009, p. 215-216) caracteriza a aristocracia romana

do século II como uma elite cuja autoridade se fundamentava no controle do comportamento social e na evocação regular dos ancestrais como um critério de legitimação de suas ações e de autenticação de sua conduta. Segundo o autor, esse uso dos “maiores” poderia se dar de acordo com três vertentes. A primeira delas implicava a exposição do que o ancestral de um indivíduo fez ou quem ele era, em contraste com o ancestral de outro, dentro da competitividade interna do grupo. A segunda reunia todos os antepassados, de todos os tempos, ao redor da ideia de que “nossos ancestrais sempre agiam desse ou daquele modo”. Finalmente, a terceira forma de uso dos ancestrais sugerida por Wallace-Hadrill postulava um rompimento entre presente e passado, uma vez que “não se vivia mais como nos bons tempos dos antepassados”. O autor identifica, no século seguinte, a ocorrência de uma “revolução cultural”, termo utilizado para definir, entre outras coisas, uma mudança fundamental na localização da autoridade. No século II, a autoridade se concentrava nas mãos de uma elite que, ainda que competitiva, detinha o poder pelo controle do conhecimento social. No processo de mudança, um papel de destaque coube aos antiquários. Ao desenvolverem um discurso sobre o passado que necessitava de pesquisa e associarem a linguagem aos modos de vida, os antiquários influenciaram na forma como os romanos conduziam sua vida pública e deslocaram a autoridade dos antepassados, dando ao presente a chance de inovar. O movimento minou o apelo à autoconstrução da aristocracia para definir a identidade e o modo romano de ser, devastando as pretensões aristocráticas de conhecer os próprios antepassados. A demanda por mudanças desencadeou um fenômeno que se completou apenas na época de Augusto (WALLACE-HADRILL, 2009, p. 232-239).

Quando as moedas analisadas neste trabalho foram cunhadas, a “revolução cultural” preconizada por Wallace-Hadrill ainda não estava em curso. A iconografia das peças traduz, em imagens, os pressupostos que fundamentam o poder da aristocracia, nos termos propostos pelo autor. Nas cenas dos reversos estão expostos os ancestrais de destaque da *gens*, competindo com outros ancestrais, talvez representados em outras cunhagens. Na primeira parte deste artigo, tratei da inexistência de um consenso acerca da identificação das figuras e de alguns símbolos representados na moeda. Embora importante, a partir da perspectiva de destacar em conjunto a ancestralidade de uma *gens*, tal identificação não é essencial. Não é especialmente relevante se Lúcio Minúcio, o prefeito da anona, homenageado pelo povo pela distribuição de grãos a baixo preço, encontra-se ao lado

da coluna ou em seu topo, em forma de estátua. Ou mesmo se a figura à esquerda do monumento destacou-se na vida pública romana como um magistrado ou sacerdote. Importa é que os antepassados da *gens* Minúcia tiveram uma ação mais destacada do que os ancestrais de seus oponentes e que isso fornece aos Minúcios contemporâneos da emissão da moeda maiores credenciais para a atuação na vida pública. Por outro lado, antepassados de épocas diferentes estão reunidos ao redor da coluna e do pressuposto da correta gerência da coisa pública, tanto no que concerne ao provimento de alimentos à comunidade quanto à observância dos preceitos religiosos. Como se sabe que o problema do abastecimento de grãos para a cidade de Roma tornou-se mais sério na segunda metade do século II, há, na escolha das peças, a influência das demandas contemporâneas às emissões convivendo com a nostalgia segundo a qual não se vivia mais como no tempo dos antepassados (CRISTOFORI, 2002, p. 42-143; EVANS, 2011, p.2; TORELLI, 1995, p. 306).

Até aqui usamos os termos “religioso” e “religiosidade” em um sentido que nos é familiar, para aludir aos sacerdotes, aos objetos sacerdotais e a símbolos tais como os grãos de trigo e pão, representando o dom da vida e o alimento essencial. Quando tratamos de Roma republicana, ações que hoje caracterizamos como “religiosas” eram inseparáveis daquelas que definimos como “políticas”. Ambas tinham lugar no espaço público da cidade e envolviam as relações de poder que se estabeleciam entre os membros da comunidade. A impossibilidade de separar política e religião é perceptível também através da iconografia numismática do período.

Para Enrico Montanari (2009, p. 36), todo sistema de representação dos romanos constituía, em algum nível, matéria religiosa e a negação desse aspecto decorre da tendência à separação moderna entre “cívico” e “religioso” e da projeção dessa tendência à cultura romana. A obra de Montanari tem como principal objetivo indagar sobre a relação *imago-cognomen* em sua multiplicidade de componentes e em suas transformações, com particular respeito à idade republicana romana. O cognome, na maioria das vezes, identifica um ramo da *gens*, tem sua origem em características ou feitos de destaque e pode ser hereditário. No caso aqui analisado, o cognome dos emissores da moeda era Augurino, decorrente do áugure de trajetória incomum que servia de referência para seus descendentes. A *imago* (plural *imagines*) é sempre específica de um indivíduo e é intransmissível; o que se transmite é o *ius imaginum*, o direito de imagens. O *ius imaginum* era



prerrogativa dos cidadãos que haviam revestido a mais alta magistratura e por isso tinham adquirido o direito de transmitir a própria máscara a seus descendentes (MONTANARI, 2009, p. 11-12 e 15).

Nas procissões funerárias, em que atores com as máscaras ancestrais percorriam as ruas de Roma, estava em cena uma representação de alto conteúdo simbólico, em que um magistrado muito antigo, trazido ao presente através da evocação, se encontrava com o mais recente morto digno de integrar o grupo (MONTANARI, 2009, p. 35). Com máscara, vestimenta e insígnias dos antepassados, essas figuras poderiam ser consideradas “estátuas vivas” da *gens*, e suas presenças unidas à *laudatio* do defunto evocavam a peculiaridade de cada linhagem. Tratava-se de um mito típico do estilo religioso romano, no qual este se manifestava como ato vivido e o homem se representava fora do tempo ordinário, como um deus, e não como narração textual ou drama teatral (MONTANARI, 2009, p. 72). A *pompa funebris* constituía um “mito vivo”, em que se representavam, através da imagem, virtude e gestos. O celebrado era a coletividade da *gens* ou, ao menos, a coletividade dos antepassados titulares das magistraturas curuis. A existência dessa “biografia coletiva”, que percorria as ações e virtudes de toda a *gens*, tem relação direta com o fato de se reconhecer o membro de uma família através de um modelo peculiar de comportamento, fosse ele oriundo de fatos genuínos ou de uma construção posterior (MONTANARI, 2009, p. 74-84).

Algumas das características apontadas por Montanari para identificar o que ele assume ser um mito característico do estilo religioso romano, podem igualmente ser mapeadas pela iconografia numismática. A mais destacada delas acreditamos ser a evocação constante dos antepassados, que se unem aos membros mais recentes da *gens* em prol da elaboração de uma exaltação comum. O membro mais recente, nesse caso, é o próprio monetário, idealizador e propiciador do encontro; afinal, seu nome está inscrito na peça e uma imagem abarca também signos plásticos, tais como formas ou composição interna, e signos linguísticos, da linguagem verbal (JOLY, 1994, p. 42). Como na *pompa funebris*, também aí há uma subversão do tempo ordinário em torno da celebração coletiva das ações e virtudes dos membros da família, pois antepassados de épocas distintas estão colocados em uma mesma cena. Nesse caso específico, a principal virtude familiar era a religiosidade, assim como a capacidade de atuar contra a escassez de alimentos para a comunidade.

## 4. Considerações finais

As possibilidades de leitura de uma imagem são inesgotáveis, e as imagens em moedas não são exceção. Os denários dos Minúcios Augurinos são particularmente ricos do ponto de vista iconográfico e pioneiros em muitos aspectos que marcaram a iconografia numismática republicana a partir da segunda metade do século II, tais como presença de antepassados como forma de exaltação gentilícia, de cenas ligadas ao cotidiano dos romanos e de representações arquitetônicas. Tomados em seu conjunto, todos esses elementos explicam, em parte, a grande quantidade de estudos já realizados sobre as peças. Em vez de esgotarem o tema, tais estudos colocam em destaque a riqueza e a complexidade desses denários.

Imagens em moedas não podem ser pensadas como meros retratos do real, pois possuem sua parcela de construção e transformação da realidade. Por outro lado, contudo, da mesma forma que outras fontes históricas, não existem apartadas de seu contexto de produção. Assim, moedas podem ser úteis para se pensar a vida romana durante a República, inclusive as formas através das quais as relações de poder são estabelecidas e representadas entre os membros de uma comunidade, conforme tentamos demonstrar ao longo deste artigo. Sob esse aspecto, dialogam fortemente com outros tipos de documentação existentes, ampliando nossos olhares sobre uma determinada época, como a República romana no século II.

### Documentação escrita

CÍCERO. *De legibus*. Trad. Georges de Plinval. Paris: Belles Lettres, 1959. Disponível em: <http://www.perseus.tufts.edu/hopper/text?doc=Perseus%3atext%3a2007.01.0030>. Acesso em: 17 fev. 2018.

\_\_\_\_\_. *Tratado das leis*. Trad. Marino Kury. Caxias do Sul: Educs, 2004.

DIONYSIUS OF HALICARNASSUS. *Roman Antiquities*. Trad. Earnest Cary. Harvard: Harvard University Press, 1937-1950. 7 v. Disponível em: [http://penelope.uchicago.edu/Thayer/E/Roman/Texts/Dionysius\\_of\\_Halicarnassus/home.html](http://penelope.uchicago.edu/Thayer/E/Roman/Texts/Dionysius_of_Halicarnassus/home.html). Acesso em: 17 fev. 2018.

PLINY THE ELDER. *The Natural History*. Trad. John Bostock e H. T. Riley. London: Taylor & Francis, 1855. Disponível em: <http://www.perseus.tufts.edu/hopper/text?doc=Perseus:text:1999.02.0137>. Acesso em: 17 fev. 2018.

TITO LIVIO. *História de Roma*. Ab Urbe Condita Libri. Trad. Paulo Matos Peixoto. São Paulo: Paumape, 1989. 6 v.

## Catálogos, dicionários e prosopografias

- BROUGHTON, R. S. *The Magistrates of the Roman Republic*. (509 BC-100 BC.); (99BC-31BC). New York: American Philological Association, 1951-52. v. 1 e 2.
- CRAWFORD, M. H. *Roman Republican coinage*. Cambridge: University Press, 1974. 2 v.
- FLORENZANO, M. B. B; RIBEIRO, A. M. G; LO MONACO, V. (orgs.). *A coleção de moedas romana da Universidade de São Paulo*: Museu Paulista, Museu de Arqueologia e Etnologia. São Paulo: MAE-USP, 2015.
- MAGALHÃES, M. M. *Sylloge nummorum romanorum Brasil I*: moedas romanas republicanas. Rio de Janeiro: Museu Histórico Nacional, 2016.
- SEAR, D. R. *Roman coins and their values*. London: Spink, 2000. v. 1.
- TORELLI, M. *Columna Minucia*. In: STEINBY, E. M. (dir.). *Lexicon Topographicum Urbis Romae*. Roma: Edizioni Quazar, 1995, p. 305-307. v. I.
- RICHARDSON, J. L. *A New Topographical Dictionary of Ancient Rome*. Baltimore and London. The Johns Hopkins University Press, 1992.

## Referências bibliográficas

- AYRES, G. O. B. *Quando o divino celebra o humano*: religião, política e poder nas moedas republicanas romanas (139-83 AEC). Tese (Doutorado em História), Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.
- COARELLI, F. *Argentum Signatum*. Le origini della moneta d'argento a Roma. (Studi e Materiali, 15). Roma: Istituto Italiano di Numismatica, 2013.
- CRISTOFORI, A. *Grain distribution in late Republican Rome*. Disponível em: [https://www.academia.edu/853118/Grain\\_Distribution\\_in\\_Late\\_Republican\\_Rome](https://www.academia.edu/853118/Grain_Distribution_in_Late_Republican_Rome). Acesso em: 23 mai. 2017.
- EVANS, J. The restoration of memory: Minucius and his monument. In: HOLMES, N. (ed.). *Proceedings of the XIV International Numismatic Congress*, Glasgow, 2009. Glasgow: University of Glasgow/ The Hunterian, 2011.
- FLOWER, H. *Ancestor masks and aristocratic power in Roman culture*. Oxford: Oxford University Press, 1996.
- \_\_\_\_\_. *Roman Republics*. Princeton: Princeton University Press, 2009.
- GAGÉ J. Le dieu "Inventor" et les Minucii. *Mélanges d'archéologie et d'histoire*, Roma, t. 78, n. 1, p. 79-122, 1966.

HÖLKESKAMP, K.-J. History and collective memory in the Roman Republic. In: ROSENSTEIN, N.; MORSTEIN-MARX, R. (orgs.). *A companion to the Roman Republic*. London: Blackwell Publishing, 2006, p. 478-495.

\_\_\_\_\_. *Reconstructing the Roman Republic: an Ancient political culture and modern research*. Princeton: Princeton University Press, 2010.

TACLA, A. B. Visualização digital para a numismática céltica: o potencial do RTI. *Brathair*, São Luís, v. 18, n. 1, 2018. Disponível em: <http://ppg.revistas.uema.br/index.php/brathair>. Acesso em: 06 jan. 2019.

JOLY, M. *Introdução à análise da imagem*. Lisboa: Edições 70, 1994.

MONTANARI, E. *Fumosae imagines identità e memória nell'aristocrazia repubblicana*. Roma: Bulzoni Editore, 2009.

NICOLET, C. Le temple des Nymphes et les distributions frumentaires à Rome à l'époque républicaine d'après des découvertes récentes. *Comptes rendus des séances de l'Académie des Inscriptions et Belles-Lettres*, Paris, v. 120, n. 1, p. 29-51, 1976.

PEREZ, C. Images monétaires et pratiques semiologiques. *Dialogues d'Histoires Ancienne*, Besançon, v. 11, 1985.

ROSENSTEIN, N. N. Aristocratic values. In: ROSENSTEIN, N.; MORSTEIN-MARX, R. (orgs.). *A companion to the Roman Republic*. London: Blackwell, 2006, p. 365-382.

WALLACE-HADRILL, A. *Rome's cultural revolution*. Cambridge: Cambridge University Press, 2009.

WILLIAMS, J. Religion and Roman coins. In: RÜPKE, J. *A companion to Roman religion*. London: Blackwell, 2007, p. 143-163.

WISEMAN, T. P. The Minucii and their monument. In: LINDERSKY, J. (ed.). *Imperium sine fine*. T. Robert S. Broughton and the Roman Republic. Stuttgart: Steiner, 1996, p. 57-74.

\_\_\_\_\_. *Roman drama and Roman History*. Exeter: University of Exeter Press, 1998.

YARROW, L. M. The iconographic choices of the Minucii Augurini: re-reading RRc 242 and 243. *Journal of Ancient History and Archeology*, Cluj-Napoca, v. 4, n. 1, 2017.

---

## Notas

<sup>1</sup> Segundo Michael Crawford (1974, p. 8; p. 35; p. 602), o denário de prata, criado em 212 ou 211, foi a primeira moeda genuinamente romana e o início de um novo

sistema monetário. Mais recentemente, Filippo Coarelli (2013, p. 57-82; 103-113) propôs alternativas interpretativas para alguns postulados tradicionalmente aceitos sobre a trajetória das cunhagens romanas que considera incompatíveis com o quadro histórico republicano. Entre outras coisas, considera o quadrigato (e não o denário), moeda de prata com a imagem de uma quadriga no reverso, cunhada a partir de 269, a primeira moeda propriamente romana. Quanto ao surgimento do denário, a data sugerida por Coarelli, 216 ou 215, não difere muito da datação tradicionalmente acatada.

<sup>2</sup> A coluna é geralmente identificada como a Coluna Minúcia, erguida em homenagem ao prefeito da anona Lúcio Minúcio. Referências ao monumento são encontradas em Plínio e Tito Lívio. Plínio fala da prática antiga de se erguerem colunas (antiquior columnarum), citando aquela erguida, por iniciativa popular, do lado de fora da Porta Trigemina, em honra desse antepassado da gens Minúcia que teria distribuído grãos a baixo preço (PLÍNIO. *Nat.* 34. 21). Tito Lívio (4. 13.16) reconta o fato de forma semelhante, mas se refere à estátua de um boi dourado erguida no mesmo local não por iniciativa, mas sem a oposição do povo.

<sup>3</sup> William (2007, p. 146) identificou a figura à esquerda da coluna como P. Minúcio ou M. Minúcio, cônsules em 492 e 491, respectivamente, em função de distribuições de grãos ocorridas naqueles anos. Quanto à figura representada pela estátua no topo da coluna, as hipóteses desde L. Minúcio, o prefeito da anona de 440 ou 439 (WILLIAMS, 2007, p. 146), a Conso, o deus do armazenamento dos grãos (EVANS, 2011, p. 3-4), passando pelo fundador da gens (WISEMAN, 1998, p. 94; YARROW, 2017, p. 94).

<sup>4</sup> Sobre a aplicação de novas tecnologias e a utilização em especial da técnica de *Reflectance Transformation Imaging* (RTI) na numismática, já utilizada em estudos pioneiros no Brasil, ver em especial Tacla (2018).

<sup>5</sup> Antes, Mario Torelli (1995, p. 306) havia proposto alternativa para solucionar o mesmo impasse. Segundo o autor, o monumento representado na moeda era um local de culto gentílico, próximo à muralha de Sérvio Túlio, sendo o altar associado a Minúcios patrícios. Após a reconstrução da muralha serviana, o antigo altar foi sendo apropriado por um ramo plebeu da gens, então em crescente ascensão. Um membro desse grupo, Minúcio Faeso, favorecendo-se da Lei Olgúnia, entrou no Colégio dos Áugures em 300, adquirindo o cognome de Augurino. A ele se deve a extensão do cognome não só a seu pai, cônsul em 305, mas também aos Minúcios patrícios que o antecederam.